

NARRATIVAS DA IDENTIDADE: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM TEXTOS DE MILTON HATOUM¹

Noemi Campos Freitas VIEIRA*

Resumo: As narrativas hatounianas *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000) são alocadas em Manaus, cujos aromas e mistérios envolvem o leitor na viagem da memória de seus narradores. Este estudo tem o objetivo de analisar que nesses textos, Hatoum ultrapassa a formulação regionalista exótica que é relativizada pela ambiência em um território muito particular construído pela memória, sustentada ao mesmo tempo pela lembrança e pelo esquecimento, e onde são traçadas as buscas identitárias dos narradores percorrendo dois mundos que se mesclam: o manauara e o do imigrante.

Palavras-chave: Narrativa; Memória; Esquecimento; Identidade; Regionalismo.

A obra de Milton Hatoum, escritor amazonense de ascendência libanesa, desponta no cenário da literatura brasileira contemporânea, estreando com *Relato de um certo Oriente* em 1989. Sua literatura rompe com uma herança temática na qual a imagem do universo regional recai sobre o exótico e o natural, ao explorar as regiões interioranas brasileiras, colocando em cena a dura realidade do agreste, dos seringais, dos latifúndios de cacau ou do garimpo; ou, focando a vida nos centros urbanos, expõe os embates vividos pelo homem citadino que parece perder suas referências individuais em face do sentimento de isolamento, ansiedade e alienação diante do turbilhão de inovações aceleradas da vida moderna.

Neste contexto, Alfredo Bosi bem observa as novas tendências da ficção brasileira produzida no fim do século XX, entre as quais aponta a obra de Hatoum como exemplo de uma abertura à diversidade cultural assistida no Brasil.

A potencialidade da ficção brasileira está na sua abertura às nossas diferenças. Não a esgotam nem os *bas-fonds* cariocas nem os rebentos paulistas em crise de identidade, nem os velhos moradores dos bairros de classe média gaúcha, nem as histórias espinhentas do sertão

¹ Este artigo é fruto de comunicação apresentada na sala temática "Formas e temas na narrativa brasileira contemporânea" no I Congresso de Pesquisa em Literatura realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/São José do Rio Preto-SP.

* Mestre em Letras pela UNESP/IBILCE - São José do Rio Preto. Email: noemicfv@gmail.com

nordestino. Há lugar também para outros espaços e tempos e, portanto, para diversos registros narrativos como os que derivam de sondagens no fluxo da consciência. Quem supunha, por exemplo, que da Amazônia só nos viessem episódios de seringueiros ou de índios massacrados, por certo recebeu com surpresa o texto em surdina de Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente* (89), em que a vida de uma família burguesa de origem árabe, enraizada em Manaus, se dá ao leitor como um tecido de memórias, uma seqüência às vezes fantasmagórica de estados de alma, que lembra a tradição do nosso melhor romance introspectivo. (BOSI, 2001, p. 437)

Essa tendência também é observada por Antônio Donizete Pires, em um interessante artigo intitulado “Coivaras, palimpsestos & novas lavouras”, sobre certa formulação regionalista analisada por ele na obra de Francisco J. C. Dantas, particularmente seu primeiro romance *Coivara da memória* (1991). Nesse texto, Pires (2005) tece suas reflexões à luz de “Literatura e subdesenvolvimento” de Antonio Candido, que estabelece pelo menos três fases para o regionalismo chegando a propor o termo *supra-regionalismo*, identificado como da terceira fase, atribuído à obra de Guimarães Rosa, o qual ultrapassa a exploração temática do solo local para uma universalização de caráter mítico transcendental. As duas primeiras fases da literatura regionalista estariam caracterizadas, respectivamente, pela “consciência crítica do atraso” e pela “consciência do subdesenvolvimento”, suplantando o regionalismo pitoresco do final do século XIX e início do XX.

Tomando como ponto crucial o foco sobre o que o autor considera a terceira fase do regionalismo – à parte, evidentemente, a primorosa posição dada a G. Rosa –, as seguintes considerações são fundamentais para situar a obra de Hatoum na contemporaneidade:

Muitos autores rejeitariam como pecha o qualificativo de regionalistas, que de fato não tem mais sentido. Mas isto não impede que a dimensão regional continue presente em muitas obras da maior importância, embora sem qualquer caráter de tendência impositiva, ou de requisito duma equivocada consciência nacional. O que vemos agora, sob este aspecto, é uma florada novelística marcada pelo refinamento técnico, graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade. (CANDIDO, 1989, p. 161-162)

Neste sentido, Alfredo Bosi ainda comenta que o mais importante na literatura, seja ela de cunho regional ou não, é a beleza estilística, o trabalho com a linguagem e o poder de transfiguração dos matizes mais humanos e universais tratados pela ficção. Ao comentar *Coivara da memória* e *Os desvalidos*, de Francisco J. C. Dantas, Bosi considera:

Regionalismo ainda? Pergunta que provoca outras, mais pertinentes: teriam, acaso, sumido para sempre as práticas simbólicas de comunidades inteiras que viveram e vivem no sertão nordestino, só porque uma parte da região entrou no ritmo da indústria e do capitalismo internacional? É lícito subtrair ao escritor que nasceu e cresceu em um engenho sergipano o direito de recriar o imaginário da sua infância e de seus antepassados, pelo simples fato de ele ser professor de universidade e digitar os seus textos em computador? [...] Na rede de uma cultura plural como a que vivemos, é a qualidade estética do texto que ainda deve importar como primeiro critério de inclusão no vasto mundo da narrativa. [...] O que conta e deve sobreviver na memória seletiva da história literária é o *pathos*² feito imagem e macerado pela consciência crítica. (BOSI, 2001, p. 437, 438)

Candido, já na época em que escreve o referido artigo, nos anos 70, prenuncia uma nova “florada novelística marcada pelo refinamento técnico”, em que o aspecto local/regional, com os seus traços pitorescos e exóticos de outrora, saltaria para verdadeiras expressões de “contornos humanos que “adquirem universalidade”. No mesmo diapasão, Bosi considera “a qualidade estética do texto” como requisito fundamental para a sua inclusão no grande rol literário. Sem pretensões a um trabalho comparativo entre Dantas e Hatoum, pois não é este o propósito deste texto, o que chama a atenção nesses dois autores do Norte (aquele, sergipano, este, amazonense) é o tratamento dado às suas origens, transpondo para o texto literário a memória da infância que nutre a narrativa, cujo poder impactante (*pathos*) no dizer de Bosi, é “feito imagem e macerado pela consciência crítica”.

Embora o exposto até aqui seja, de longe, tão somente um esboço daquilo que poderia se chamar contexto ou sistema no qual se enquadram, à guisa de classificações sancionadas pela crítica acadêmica, essas e outras obras literárias, o intuito deste trabalho é mais a explanação sucinta sobre a construção da narrativa de Hatoum, do que a constatação de que a sua narrativa tenha vindo com o fim de revitalizar um certo regionalismo, assunto que merece, sim, análises mais aprofundadas.

Partindo para a exposição sobre as narrativas hatounianas, *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000) são alocadas em Manaus, cujos aromas e mistérios envolvem o leitor na viagem da memória de seus narradores. Contudo, a inserção das ações na paisagem amazônica não se dá por causa do exotismo das belezas naturais do lugar, nem se atém à exploração da figura do índio massacrado pela tirania colonizadora, nem mesmo à presença marcante do imigrante europeu em busca de enriquecimento em terras estrangeiras.

² Do grego *páthos*: “Na experiência do expectador, leitor, etc., sentimento de dó, compaixão ou empatia criados por essa qualidade do texto, da música, da representação, etc. (Cf. Dicionário Eletrônico Houaiss)

Embora todos esses elementos possam ser percebidos ao fundo, o autor ultrapassa esses tópicos a favor de outra tematização literária. Há, em primeiro plano, o trabalho da memória, em confronto com o esquecimento, que percorre dois mundos que se mesclam e que se dão a conhecer, no texto, através das experiências dos personagens: o mundo manauara e o do imigrante. Esses mundos interpenetram-se e delineiam-se pela saga da família libanesa radicada em Manaus inscrevendo no ambiente amazônico um “certo oriente”. O passado dessa família é reestruturado pelos relatos das personagens, cujas vozes são emolduradas nas vozes dos respectivos narradores manauaras, filhos agregados desses imigrantes. Como contorno dessa moldura há uma trajetória sinuosa da memória percorrida pela narradora inominada do *Relato* e do narrador Nael, de *Dois irmãos*, em busca de suas origens.

Esses narradores vivem o drama de, simultaneamente, pertencerem e não pertencerem aos dois mundos de que fazem parte, o amazônico e o libanês. Assim, a relação mútua entre esses territórios resulta na imagem de mundos encaixados, segundo Tânia Pellegrini:

São como territórios concêntricos, um dentro do outro: a Manaus real e seu duplo, a Manaus imaginária; dentro, a colônia libanesa, no centro da qual as casas das famílias avultam como espaço privilegiado. Desses territórios fecundos aos quais corresponde a própria forma narrativa, montada com relatos que brotam uns de dentro dos outros Hatoum extrai sua matéria, constituída por uma malha cultural variada e típica, baseada na interrelação entre imigrantes, estrangeiros e nativos, que estabelecem relações de identidade e de estranhamento com um mundo diverso, no qual um difuso sentido de perda está sempre presente (PELLEGRINI, 2004, p. 128)

Nesse contexto, a Manaus onde se encenam as histórias de Hatoum projeta-se nas narrativas muito mais como o lugar do desejo que como espaço geográfico. O território tão bem delimitado pelo autor, com características tão peculiares ao lugar em que convivem nativos da Amazônia, imigrantes e regatões, ultrapassa a formulação regionalista exótica que é relativizada pela ambiência em um território muito particular construído pela memória, sustentada ao mesmo tempo pela lembrança e pelo esquecimento.

Para além dessa Manaus enigmática, o que percorre ambas as narrativas é um desejo de autoconhecimento que impele os narradores. Ambos buscam conhecer sua gênese, mergulhando em uma “complexa viagem da memória”, no dizer de Arrigucci Jr., reedificando a casa familiar por meio de “[...] uma arquitetura imaginária: a arte de reconstruir, no lugar das lembranças e vãos do esquecimento, a casa que se foi. Uma casa, um mundo. Um mundo até certo ponto único, exótico e enigmático em sua estranha poesia, mas

capaz de se impor ao leitor com alto poder de convicção (ARRIGUCCI JR., 1989)³.

Esse poder de sedução do texto de Hatoum pode ser apreendido no processo de construção das narrativas, que se dá pela confluência de vários relatos na escrita das memórias, auxiliando na reconstituição identitária dos narradores impulsionados por uma busca que esbarra sempre com a alteridade, o estranhamento, o desenraizamento e a estrangeiridade, entre outros aspectos vinculados à condição humana.

Levando em conta a situação dos narradores como membros agregados das famílias de imigrantes libaneses e o constante descompasso entre a lembrança e o esquecimento, entre o que se cala e o que é revelado a respeito do passado, perpassa os enredos a condição de exílio interior desses narradores e personagens, que decorre de uma marcante e peculiar desterritorialização, seja ela vivida pelos imigrantes libaneses e pelos nativos manauaras aculturados, distantes de suas terras de origem; seja ela do âmbito das experiências da memória, marcadamente vivenciadas pelos narradores, cuja trajetória sinaliza as instabilidades dos indivíduos em busca da própria identidade.

Como procedimento recorrente nos romances hatounianos a idéia da diferença e da alteridade é radicalizada em vista da valorização em dar voz ao outro e dar ouvido à voz do outro. Nas duas obras estudadas, há alguns personagens “contadores” que representam o suporte dos relatos de que se valem os narradores principais para o propósito, já mencionado, a que ambos se lançam. Destaco aqui o tio Hakim, em *Relato de um certo Oriente*, e Halim em *Dois irmãos*.

Diante da impossibilidade do reencontro com a avó adotiva, ao regressar à terra natal, a narradora inominada do *Relato* recorre ao tio Hakim, o filho mais velho e o mais achegado a Emilie, a matriarca da família imigrante que a adotara. Esse encontro da narradora com o passado através do relato de seu tio Hakim, faz dela uma ouvinte ansiosa por conhecer os fragmentos de vida que viriam à tona pelo discurso do outro narrador que agora toma o seu lugar na seqüência do enredo.

A narradora recorre, assim, aos relatos de outras pessoas envolvidas com sua vida na casa onde cresceu, perseguindo, em meio aos fragmentos das histórias ouvidas e registradas, o fio que puxasse o novelo de sua identidade. Para a narradora, a pessoa que ocuparia a posição de privilegiado guardião de tais memórias passou a ser o tio, recém chegado do Líbano, que ignorava o falecimento da mãe. O choque da notícia faz emergir um turbilhão de lembranças, como se Hakim quisesse segurar com os fios da memória o tênue fio da vida, há pouco rompido para Emilie.

³ Cf. texto de Davi Arrigucci Jr. na orelha de *Relato de um certo Oriente* em que o crítico apresenta as linhas mestras da obra de estréia do autor. De forma coesa, o trecho acima citado pode ser estendido também ao segundo romance de Hatoum.

[...] Disse-lhe, então, que gostaria de conversar com ele, longe do tumulto, longe de todos. [...] Posso passar o resto da minha vida falando do passado disse, com uma voz mais descansada. O encontro aconteceu na noite do domingo, sob a parreira do pátio pequeno, bem debaixo das janelas dos quartos onde havíamos morado. Na manhã da segunda-feira tio Hakim continuava falando, e só interrompia a fala para rever os animais e dar uma volta no pátio da fonte, onde molhava o rosto e os cabelos; depois retornava com mais vigor, com a cabeça formigando de cenas e diálogos, como alguém que acaba de encontrar a chave da memória. (HATOUM, 1989⁴, p. 28-32)

Deste modo, a experiência do narrador Hakim desliza para a da narradora, que ouve os relatos, registra e compila, transformando-os em matéria escrita. A narração do tio domina a maior parte da história, representando, para a narradora, aquele que detém a memória mais lúcida, o ponto de convergência das outras vozes que são solicitadas para a construção da narrativa.

O narrador de *Dois irmãos* mergulha em um retrospecto, procurando reconstruir, com o que restou da história familiar, a sua própria história e identidade. Enraizado na terra natal, está em contato mais íntimo com seu lugar de origem. Esse enraizamento é notório, até pelo ponto de observação que o aloca a curta distância do núcleo onde ocorriam as tensões familiares que testemunhava: a moradia no quatinho dos fundos do sobrado dá a ele o privilégio da experiência compartilhada no contexto de ocorrência dos fatos.

O rapaz que crescera como neto natural do casal de imigrantes luta e sofre com a memória da infância, passada ao lado da mãe, serviçal na casa dos libaneses. Nael caracteriza-se como observador dos fatos presenciados nessa casa: "(...) muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final (HATOUM, 2000⁵, p. 29).

Embora seu ponto de observação esteja alocado no espaço solitário do quarto, a relação com a memória é uma questão social, pois a coleção de histórias que traz no seu íntimo só pode ser reconstituída em decorrência de experiências vividas dentro da casa familiar, com os membros dessa família e mediante todos os desdobramentos decorrentes dessa relação.

Em *Dois irmãos*, Halim representa para Nael o móvel da memória, um impulso à busca pelos antecedentes da vida na casa da infância. É ele quem sobressai na narrativa como principal relicário das lembranças de uma vida inteira e que imprime uma marca em relevo ao tecido narrativo que o narrador vai tecendo ao longo do romance. Halim gera para o neto o fio que o atará à

⁴ De agora em diante *Relato*, seguido do número da página.

⁵ De agora em diante *Dois irmãos*, seguido do número da página.

vida solitária a partir da qual produzirá a escrita como experiência comunicável, cujo terreno compartilhado é o da casa familiar, onde os desajustes entre os gêmeos, a paixão irrefreada de Zana pelo Caçula e as relações de poder e subserviência ditados pela aculturação sutil dos nativos manauenses conduzem as relações à ruína.

O pequeno território interior de Halim é repassado na narração que faz a Nael por meio das lembranças, o que exige da memória exímia precisão para a recuperação, o mais fiel possível, das imagens do passado. Porém, essas imagens são evanescentes, o conteúdo da memória é representação, e o texto do narrador-autor, interpretação dessas lembranças revisadas.

O narrador imprime na narrativa um movimento que é ditado pela vacilação entre querer conhecer sua origem e o desejo de saber-se órfão. A hesitação acompanha esse narrador que no fundo prefere o enigma a defrontar-se com a realidade, pois sabe da impossibilidade de encontrar sua verdadeira identidade. O que realmente o intriga e que o leva a tentar recuperar a infância é justamente a ânsia pelo conhecimento de sua gênese, motivando-o a um questionamento intenso do passado, como no trecho que segue:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvida, talvez pensando que um dia eu pudesse descobrir a verdade. (*Dois irmãos*, p. 73)

Há uma relação com o passado que se projeta sob a forma de busca por uma resposta, por parte do narrador, travando um diálogo com o que está “palpitando na vida dos [seus] antepassados”, pois o que supostamente se desenha para ele como “sinal da origem” cala-se no silêncio da memória, sua e daqueles que o cercam: Halim diz que “certas coisas a gente não deve contar a ninguém” e Domingas, dizia Nael, “disfarçava quando eu tocava no assunto; deixava-me cheio de dúvida”.

Há, portanto, um jogo de oscilações que imprime ao discurso narrativo um tom desconcertante regido pelo trabalho de sondagem realizado pela memória. Nisso reside o estilo de Hatoum: a preocupação em manter no núcleo narrativo o pensamento do narrador para o qual confluem as várias vozes que fazem reviver o tempo da infância. Interessa aqui o que observa Pellegrini, ao dizer que

Os dois romances executam um mergulho vertical nos meandros da memória, sondando as inconclusões do passado e tentando refazer o desfeito, por meio de um exame preciosista de cada elemento que deles brota: perfumes e odores, sons e silêncios, luzes e sombras, palavras

ditas e caladas, gestos concluídos ou esboçados, vozes e passos que se estendem horizontalmente por muitos anos de atos e fatos. O vertical e o horizontal tecem uma trama de tempos por meio de uma delicadíssima composição lingüística que não permite estabelecer um sentido único e definitivo, pois trabalha com dois eixos, o *anúncio* e o *segredo*, que se alternam e complementam. (PELLEGRINI, 2004, p. 123)

Desse modo, tendo essas coordenadas, vertical e horizontal, que formam a trama textual dos romances, a busca identitária só é conhecida no discurso narrativo à medida que os narradores vão tecendo suas histórias com o auxílio de vários relatos a respeito de um passado que, de certa forma, explica seu presente e delinea suas identidades. É nesse discurso que se expõem os fragmentos de vidas e de experiências, quando a palavra é cedida a outros personagens imbricados no enredo e no ato de tecer, ponto a ponto, a malha discursiva do romance.

Assim, a relação desses narradores com suas origens se tece com o trabalho da memória enquanto depositária de experiências e informações, estabelecendo um jogo entre o lembrar, o esquecer e o inventar. Nesse campo de tensões, a busca identitária dos narradores é estruturada no texto a partir dos relatos que emergem de um emaranhado de vozes que se interpenetram em um processo de encadeamento de histórias encaixadas que dá profundidade e ao mesmo tempo dinamismo às narrativas.

Na tarefa de uma suposta recuperação do passado, há sempre lapsos na memória e essa “releitura do passado se faz sob a força imperativa do esquecimento, regido pela passagem do tempo. A imaginação procura preencher aquilo que a memória não foi capaz de trazer para a consciência por meio da lembrança. Vale aqui citar o que diz o próprio Milton Hatoum sobre a hesitação presente no plano da memória em constante jogo com a imaginação:

[...] há incongruência e dúvida em tudo, pois a memória não recupera o passado com exatidão: lembra e deslembra, diz e desdiz, afirma para negar ou contrariar. A memória é o lugar da hesitação, o móvel da imaginação. O movimento é sinuoso, construído por fragmentos: uma técnica de montagem e organização [...]. Movimento de uma origem ágrafa a da ignorância selvagem à leitura e à escrita, que se tornam apuradas com o tempo e se constroem como visão crítica de si mesmo e dos outros. (HATOUM, 2006, p. 26, 27)

Tão importante quanto a lembrança, o esquecimento proporciona um equilíbrio entre as forças de trabalho da memória, que se sustenta pela existência desses pólos tensos e complementares. De acordo com Iván Izquierdo, estudioso da memória, “o esquecimento é ‘a outra cara da memória [...], o aspecto mais saliente da memória: é muito mais o que esquecemos que o que recordamos [...]. (IZQUIERDO, 1989, p. 103).

O esquecimento ganha importância, deste modo, ao lado da lembrança.

Há uma função atribuída ao esquecer como ponto de equilíbrio das atividades mnemônicas. Segundo Harald Weirich,

Com efeito, por muitos séculos o pensamento filosófico da Europa, seguindo os gregos, procurou a verdade do lado do não-esquecer, portanto da memória e da lembrança, e só nos tempos modernos tentou mais ou menos timidamente atribuir também ao esquecimento uma certa verdade. (WEINRICH, 2001, p. 21)

Na busca do autoconhecimento empreendido pelos narradores hatounianos é imprescindível fazer vir à tona as lembranças das escuras águas do esquecimento. No contexto dos romances em estudo, o esquecimento, com aquele valor de “verdade” indicado por Weinrich, coloca-se ao lado da memória como forma de resistência, para que o indivíduo possa, simbolicamente, re-encenar seu passado a partir dos traços identitários gravados nas camadas mais recônditas da memória.

Assim, de memória e esquecimento é tecida a construção desses textos de Hatoum, em que a narrativa da identidade de seus narradores é construída e ambientada na terra manauara. O cenário das histórias hatounianas é a Manaus banhada pelo rio e cercada pela floresta, que assiste, no início do século XX, a época da decadência do período de ouro da borracha e tenta adaptar-se ao processo de modernização assistido no país, especialmente na região norte. É esta Manaus que acolhe imigrantes de tantos países particularmente e sob o foco de Hatoum, as famílias vindas do Líbano, exímios comerciantes que trazem um legado cultural que se mescla à rica tradição amazonense.

As tintas utilizadas pelo autor para traçar um retrato mínimo de seus narradores são retiradas de sua própria história familiar, cuja ascendência libanesa com raízes na capital amazônica oferece ao leitor uma imagem híbrida transposta, pela ficção, aos seus personagens. No entanto, não se deve esperar dos romances hatounianos uma carga autobiográfica, tampouco uma expressão regionalista inspirada no exotismo amazônico, menos ainda uma narrativa de expatriado.

Unidos todos esses elementos: a raiz oriental de cultura árabe, a história da família em Manaus, a imaginação e a memória de seus personagens, temos um esboço do projeto literário de Milton Hatoum. Um certo Oriente que se instala e transita no território deste Ocidente, a Amazônia, região brasileira que é ao mesmo tempo passadouro e fixação da cultura e dos costumes que ali se mesclam. É na convivência desses dois pólos, oriental e ocidental, que essas culturas díspares instalam-se no território manauara.

Para além de uma representação regionalista tardia, ou revisitada, conforme Tânia Pellegrini (2004), a Manaus hatouniana é metonímia de uma mescla cultural, em que o estrangeiro e o nativo aculturado intercambiam seus valores. Isso fica retratado nas relações familiares assistidas nos dois romances,

em que os próprios narradores estão intimamente envolvidos. São narradores-personagens e, também, escritores dos relatos sobre suas vidas, ao buscarem na infância a história de suas origens.

Esse indivíduo que narra projeta-se no texto, procurando manter-se em contato com seu passado dando vazão ao fluxo da memória. A escrita da linguagem da memória, como *modus operandi* em ambos os romances, lança-se como uma espécie de âncora em meio às águas turbulentas em que se debatem os personagens que se descobrem em constante dissonância em relação a supostas verdades buscadas como refúgio à inquietante busca de si mesmos. A escrita apresenta-se, portanto, como lugar de inscrição de um sujeito problemático em angústia constante, entregue ao trabalho de interpretação de si mesmo, pois se debruça sobre o plano instável da memória. Cria-se, assim, um sujeito fragmentado, na narrativa, na tentativa de abarcar as simultaneidades afluentes da memória e do tempo.

VIEIRA, N. C. F. NARRATIVES OF THE IDENTITY: MEMORY AND OBLIVIOUSNESS IN TEXTS OF MILTON HATOUM

Abstract: *Hatoum's narratives Relato de um certo Oriente (1989) and Dois irmãos (2000) are placed in Manaus, whose smells and mysteries involve the reader in the trip of the memory of its narrators. This study has the objective to analyze that in these texts, Hatoum exceeds the exotic regionalist formularization that is dependant on the environment by a particular territory strongly constructed by the memory, supported at the same time for the reminescence and the obliviousness, and where the narrators identity searches are traced transiting between two mixed worlds, the manauara s and the immigrant s world.*

Keywords: *Narrative; Memory; Obliviousness; Identity; Regionalism.*

Referências

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *Educação pela noite & outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

DANTAS, Francisco José Costa. *Coivara da memória*. São Paulo, Estação Liberdade, 1991.

DANTAS, Francisco José Costa. *Os desvalidos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. Um jovem, o Velho e um livro. *EntreLivros*. São Paulo, ano II, n. 13, p. 26-27, mai. 2006.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 3, n. 6, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141989000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez 2007.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian Review*, n. 41, v. 1, 2004, p. 121-135.

PIRES, Antônio Donizete. Coivaras, palimpsestos & novas lavouras. *Terra Roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários*, v. 5, p. 62-76, 2005.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

